

CURSO DE ATOS – IBCU – AGO/SET - 2014**AULA 7 – As visões de Cornélio e de Pedro; O encontro de Pedro e Cornélio (pentecoste gentílico); A defesa de Pedro em Jerusalém; Antioquia e a volta de Saulo. (At 10.1 a 11.26)****7.1 – As visões de Cornélio e de Pedro (At 10.1-16)**

Quando os evangelistas Mateus, Marcos e Lucas registram a chamada ‘confissão de Pedro’ (Mt 16.13-20; Mc 8.27-30 e Lc 9.18-21), somente Mateus cita, no verso 19, a afirmação de Jesus: *“Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra terá sido desligado nos céus”*. A mesma ideia se repete em Mt 18.18 e em Jo 20.23. Não é um texto muito fácil de ser entendido, e Is 15.22 remete também à mesma ideia da responsabilidade do mordomo em abrir e fechar as portas no sentido de admitir e excluir. Partindo desse entendimento, parece ficar claro que o Senhor Jesus atribuiu a Pedro uma responsabilidade inicial no estabelecimento da igreja, que ficou caracterizada nos acontecimentos do Pentecostes em Jerusalém, depois, no início da evangelização aos samaritanos e, agora, no início da pregação do evangelho aos gentios. Situações únicas e emblemáticas nas quais, de certa forma, Pedro usou as ‘chaves do reino’ para dar acesso a judeus, e samaritanos e agora se prepara para abrir o reino aos gentios.

Cornélio era um militar romano, servindo em Cesaréia onde ficava o QG do governo romano na Palestina. A maior unidade militar romana era uma Legião. A coorte, da qual Cornélio era comandante, correspondia a 1/10 de uma legião e era chamada de Coorte Itálica II ou ‘Italiana’. Tinha portanto, sob seu comando direto cerca de 500 homens. Lucas o descreve como um homem *“piedoso e temente a Deus com toda a sua casa e que fazia muitas esmolas ao povo e, de contínuo, orava a Deus”* (At 10.2). Sua patente de centurião, corresponderia hoje a de um capitão. As informações do texto nos remetem a um homem exemplar, pois ele e toda a sua casa eram piedosos, piedade essa expressa na sua generosidade diante dos necessitados e em atitude de oração regular diante de Deus. A referência a ele como ‘temente a Deus’ pode ser entendida de duas formas: No sentido geral, que significaria ser ele um homem que temia a Deus e era religioso (como o expresso no v.35), ou no sentido mais técnico do termo, ou seja, que se tornara um ‘prosélito do portão’, ‘quase prosélito’, ‘temente a Deus’ (como nos vs 16 e 26 do cap. 13). Se a segunda opção for a mais correta, isso significaria que ele havia aceitado o monoteísmo e os padrões éticos dos judeus e que frequentava

as reuniões na sinagoga, mas que ainda não se tornara um ‘prosélito pleno’, sendo circuncidado. Talvez até pelos vínculos com o império romano que o impediriam a isso. Dessa forma, apesar de ter “*bom testemunho de toda a nação judaica*” (At 10.22), ele ainda era um gentio, um estranho, excluído portanto da aliança de Deus com Israel.

Apesar das escrituras, através dos salmos e dos profetas, haverem predito que o Messias de Deus herdaria as nações, e que o servo do Senhor seria a luz para as nações, que elas afluíam para a casa do Senhor, e que Deus derramaria o seu Espírito sobre toda a humanidade, Israel torceu essa doutrina, transformando-a em favoritismo de Deus, enchendo-se de orgulho e ódio racial, desprezando os gentios, considerando-os ‘cães’ e desenvolvendo tradições que os mantiveram afastados. Assim, um judeu ortodoxo naqueles dias, não podia entrar na casa de um gentio, mesmo que ele fosse temente a Deus, nem convidá-lo para a sua casa (At 10.28). A existência de tão arraigado preconceito, implicava que ele fosse vencido antes que os gentios pudessem ser aceitos na comunidade cristã recém-inaugurada, em igualdade de condições com os judeus, para que a igreja pudesse tornar-se uma sociedade verdadeiramente multirracial e multicultural. Em Atos 8 vemos as providências de Deus para que o cisma judaico-samaritano fosse resolvido pela instrumentalidade de Pedro. Novamente agora Pedro é o instrumento de Deus para evitar o surgimento de um cisma judaico-gentílico na igreja.

Apesar de serem duas as visões tidas por Cornélio e por Pedro, o conteúdo e propósito das mesmas são tão complementares visando o mesmo objetivo, que vou tentar trata-las como uma só, divida em três partes:

1- Cornélio, como homem de oração, guardava o costume de orar seguindo a tradição judaica: às 3h da tarde ele foi orar! Na primeira parte da visão, Cornélio ficou aterrorizado ao ser chamado pelo anjo a quem perguntou “*Que é, Senhor?*” (At 10.4). A resposta então, se divide em duas partes. Primeiro o anjo o informa que ele estava sob o olhar de Deus. O que ele fazia não passava despercebido a Ele! Sua busca, tateando (cf. At 17.27), embora não pudesse leva-lo à presença de Deus, foi fazendo com que percebesse que Deus não está longe de cada um de nós. Essa ‘memória’ diante de Deus (v.4) foi como que um ‘gatilho’ que moveu Deus em direção a Cornélio. A segunda parte da palavra do anjo expressa o início da ação de Deus em direção a Cornélio, mostrando a ele onde procurar as respostas adequadas a sua longa e sincera procura: “*...envia*

mensageiros...manda chamar Simão..." (At 10.5). Coisa interessante notar é que não coube ao anjo, como não cabe aos seres angelicais, a proclamação do evangelho! Anjos são instrumentos de Deus a Seu serviço em nosso favor. Outro aspecto interessante foi o fato de que Cornélio contou, detalhadamente, aos seus empregados (2) e ao soldado que foi com eles à procura de Pedro em Jope, tudo o que ouvira do anjo. Todos na sua casa partilhavam com ele dessa procura sincera e incessante. A distância a ser percorrida até Jope levava mais de um dia.

2- No dia seguinte, quando os enviados de Cornélio já se aproximavam de Jope, onde Pedro estava hospedado na casa de Simão, o curtidor, era cerca de meio dia. O almoço se aproximava e Pedro, enquanto aguardava a refeição, subiu ao terraço da casa para orar na hora sexta. Também, à semelhança de Cornélio, seguia a tradição judaica das horas de oração. Estava com fome, e enquanto aguardava ser chamado, teve uma visão (eu diria, a segunda parte da mesma visão!). Lucas registra aqui e depois também no capítulo 11 quando Pedro fala à igreja em Jerusalém, um acontecimento vívido e de grande impacto para Pedro. O texto o define como um êxtase. Acontece três vezes em seguida, dando assim a ênfase que impactou o apóstolo. O que Pedro viu foi descrito por ele como semelhante a um grande lençol (alguns argumentam que pode ter sido como uma vela de barco, pois Jope era um porto no litoral do Mediterrâneo), cheio de animais de várias espécies, quadrúpedes, répteis e aves, puros e imundos, acompanhados de uma voz que dizia: *"Levanta-te, Pedro! Mata e come."* (At 10.13). Seguiu-se um momento de perplexidade de Pedro, quando deve ter se lembrado de ocasiões anteriores quando retrucou o Mestre, como acabara de fazer dizendo: *"De modo nenhum, Senhor! Porque jamais comi coisa alguma comum e imunda."* (At 10. 14). Pedro havia reagido reprovando o Senhor tanto quando Ele falou de sua morte e ressurreição (Mt 16.22), como quando, em Jo 13.8, quis impedir Jesus de lavar os seus pés.

3- A terceira parte da visão viria em resposta a sua meditação acerca do que acabara de ver e ouvir: *"Estão aí dois homens que te procuram; levanta-te, pois, desce e vai com eles, nada duvidando; porque eu os enviei."* (At 10.19b,20). Pedro, agora já 'convertido' aos gentios, apresenta-se, interage com aqueles enviados de Cornélio, e toma conhecimento da primeira parte da visão, que havia sido dada Cornélio apenas um dia antes! Na sequência daquela 'conversão', os gentios são hospedados e alimentados por judeus! No dia seguinte foram com Pedro, além dos três que vieram busca-lo da parte de Cornélio (os dois

mensageiros e o soldado), mais seis irmãos (cf. At 11.12). Veremos adiante a razão do número.

7.2 – O encontro de Pedro e Cornélio (At 10.24-48)

No quarto dia após a primeira parte da visão, os dez viajantes chegaram à casa de Cornélio em Cesaréia. Quando resolvi englobar em uma só as visões de Cornélio e de Pedro, foi para enfatizar a perfeita articulação do ministério do Espírito Santo nos tempos, palavras, intenções e pessoas que ele usa para cumprir seus propósitos na implantação do Reino de Deus. Quando Pedro e seus companheiros de viagem são recebidos por Cornélio, duas atitudes inadequadas são definitivamente corrigidas: Cornélio não deveria se prostrar diante de Pedro como se ele fosse um visitante celestial, e também Pedro não deveria considerar impróprio entrar na casa de um gentio.

Qualquer pregador do evangelho certamente ficaria muito alegre em encontrar um grupo receptivo e ávido de ouvir a mensagem da salvação. Mas Pedro, com muita sabedoria (que falta às vezes a muitos de nós), não começou pregando, dando as respostas. Apenas se apresentou desfazendo logo qualquer mal entendido e perguntou a razão pela qual tinha sido chamado, embora já soubesse tanto pela visão como pelas próprias palavras dos mensageiros que o foram buscar, o motivo de estar ali. Essa atitude ensejou a oportunidade para Cornélio expor a visão e a razão de estarem ali prontos para ouvir a Pedro (At 10.30-33).

Pedro começa sua fala, com humildade suficiente para compartilhar a grande lição que havia aprendido com o episódio (At 10.34,35). Isto posto, vemos a forma clara e simples com que Pedro apresenta o evangelho de Jesus: Primeiro se referindo a vida e ministério terreno de Jesus (At 10.36-39a); Em seguida referindo-se a sua morte, carregando sobre si a ‘maldição’ que era sobre nós (At 10.39b); Por fim enfatizando a sua ressurreição como um ato divino e devidamente manifesto às testemunhas (At 10.40,41). Concluiu sua apresentação da vida, morte e ressurreição de Jesus enfatizando a ordem que haviam recebido de pregar para que haja remissão de pecados e salvação (At 10.42,43). Quando ele termina de falar (ou enquanto ainda falava), Cornélio, sua família, seus parentes, amigos e servos ouviram, tiveram seus corações abertos, eles captaram a mensagem de Pedro, creram nela, se arrependeram de seus pecados e creram em Jesus. Isso tudo foi obra do Espírito Santo que veio sobre eles. *“E os fiéis da circuncisão, que vieram com Pedro, admiraram-se, porque também sobre os gentios foi derramado o dom do Espírito*

Santo” (At 10.45). Esse processo continua se repetindo como Paulo fala em Rm 10.14: “Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue?”.

Diante das manifestações semelhantes as do Pentecostes, Pedro pergunta retoricamente, pois a resposta ele já sabia, era NÃO!: *“Porventura, pode alguém recusar a água, para que não sejam batizados estes que, assim como nós, receberam o Espírito Santo?” (At 10.47).* Os poucos cristãos que vieram com Pedro, também perplexos com o que acabaram de testemunhar, foram provavelmente os que batizaram os novos convertidos. Aquilo marcava a reconciliação entre judeus e gentios na igreja nascente. Deus havia aceitado os crentes gentios! O processo ainda levaria algum tempo até que a igreja, como tal, reconhecesse plenamente isso, o que veremos no concílio de Jerusalém em Atos 15, mas o processo já havia se iniciado! Depois disso ficaram os discípulos alguns dias com eles em Cesaréia até que oportunamente voltaram a Jerusalém onde o fato se tornou notório e onde o testemunho dos sete, Pedro e mais seis irmãos, foi fundamental.

7.3 – A defesa de Pedro em Jerusalém (At 11.1-18)

Da mesma maneira que havia ocorrido em Samaria, os acontecimentos marcantes de Cesaréia chegaram ao conhecimento dos irmãos da Judéia, ou seja à igreja em Jerusalém. Logo ao chegarem de volta a Jerusalém, Pedro e os seis irmãos que com ele foram testemunhas do ocorrido na casa de Cornélio, foram logo confrontados a respeito. O grande questionamento era a respeito da quebra dos preceitos judaicos acerca do contato com incircuncisos e com a alimentação impura. Vemos aí, mais uma vez, que mesmo reconhecendo Jesus como o Messias prometido e tendo nele crido e sido batizados, tendo o perdão dos pecados, os crentes ainda se consideravam judeus e se sentiam submetidos aos preceitos da lei cerimonial. Parece que com o passar do tempo, após a integração dos samaritanos à igreja (At 8.14-17), ao invés de ser gradativamente reduzida essa aversão, ela tinha se cristalizado já agora cerca de 7 anos após o episódio de Samaria. Assim é que Pedro fez uma exposição detalhada do ocorrido em Cesaréia e em Jope, incluindo a sua parte da visão. Na sua exposição ele registra que o número de irmãos que com ele foram à casa de Cornélio era seis (At 11.12). Juntamente com ele formavam um grupo de sete testemunhas, o que testificava, comprovava de forma inequívoca os fatos que estavam sendo relatados. Isso porque na lei egípcia, que os judeus conheciam bem, eram necessárias sete testemunhas para

comprovar um caso, e na lei romana sete selos eram necessários para autenticar um documento importante. Não foi apenas o relatório e a argumentação de Pedro que convenceram os irmãos de Jerusalém. Mais do que isso, o testemunho pessoal dos sete, Pedro inclusive, foi determinante para que não houvesse qualquer dúvida a respeito do ocorrido. Mas é interessante notar a sequência lógica da narrativa de Pedro aos irmãos em Jerusalém, em que ele fala da sua experiência marcante em tudo o que ocorreu em Jope e Cesaréia: *“Passou a fazer-lhes uma exposição por ordem”* (At 11.4). A visão divina (At 11.4-10); A ordem divina (At 11.11,12); A preparação divina (At 11.13,14); A ação divina (At 11.15-17). Terminada sua exposição, os irmãos se tranquilizaram e glorificaram a Deus pelo ocorrido e disseram: *“...,também aos gentios foi por Deus concedido o arrependimento para a vida.”* (At 11.18b).

7.4 – Antioquia e a volta de Saulo (At 11.19-26)

Antioquia era, naquela época, a terceira cidade do Império Romano, menor apenas que Alexandria e Roma. Havia recebido esse nome por parte de Selêuco Nicator, que a fundou em 300 a.C, em homenagem a seu pai Antíoco, que havia sido general de Felipe II, pai de Alexandre. Tinha mais de 500 mil habitantes e se destacava por ter uma população extremamente diversificada, com pessoas oriundas da Pérsia, Índia e mesmo da China, além de uma grande colônia judaica e de sua natural população grega. Chegou a ser chamada e ‘Rainha do Oriente’ e de ‘Antioquia, a Bela’, por causa de seus edifícios refinados e de um longo boulevard pavimentado e arborizado que atravessava a cidade de norte a sul. Era também marcada pela imoralidade e luxúria. Tinha famosas corridas de carros e uma busca desenfreada pelo prazer, que a caracterizavam como um centro de jogos, apostas e clubes noturnos. Além disso era famosa pelo culto a Dafne, cujo templo situava-se na periferia da cidade em meio a um bosques de louros (madeira de lei, tipo canela). A lenda dizia que Dafne tinha sido uma jovem mortal que se apaixonou pelo deus Apolo, que a perseguiu, e ela, para se livrar dele, transformou-se em uma árvore de louro. Os cultos eram conduzidos pelas sacerdotisas de Dafne que eram prostitutas cultuais que fugiam dos fieis pelo bosque de louros até serem por eles alcançadas. A expressão ‘moral de Dafne’ era a frase então usada para definir uma forma de vida imoral. Parece incrível, e de fato é, que foi em uma cidade como Antioquia que o cristianismo deu o grande passo para alcançar o mundo todo. *“com toda a intrepidez, sem impedimento algum”* (At 28.31), o evangelho do reino continuava a ser proclamado.

A dispersão, iniciada logo após a morte de Estêvão levou os crentes de Jerusalém a distâncias consideráveis: Fenícia (hoje Líbano), ilha de Chipre (de onde Barnabé procedia), Cirene (norte da África) e Antioquia da Síria. Inicialmente pregavam tão somente aos judeus (At 11.19b). Alguns, voltando de Chipre e Cirene (Lúcio de Cirene entre eles? – At 13.1), romperam o padrão e começaram, em um segundo momento, a pregar também aos gregos (At 11.20). Embora haja diversas considerações textuais no sentido de ser entendido que não eram efetivamente gregos (gentios), e sim judeus helenistas, o contexto maior nos dá plena indicação do contrário, pois se assim não fosse, a notícia a respeito da conversão deles não teria mexido com a igreja em Jerusalém, ao ponto de mandarem alguém para verificar o que estava acontecendo, como foi com Samaria e Cesaréia. Não podia ter havido ninguém melhor para ser enviado em tais circunstâncias, do que Barnabé. Nas palavras de William Barclay, ‘enviaram o homem que tinha o maior coração de toda a igreja’. Foi ele que apoiou Saulo quando todos suspeitavam dele (At 9.27) e já havia dado prova de seu amor cristão com a generosidade para com os necessitados (At 4.36.37). Chegando a Antioquia, despido de qualquer traço de preconceito ou restrição de qualquer espécie, consegui ver a manifestação da graça de Deus e alegrou-se com isso. No entanto percebeu grande necessidade de ensino e aconselhamento àquele grupo de novos convertidos. Reconheceu ser tarefa grande demais para ele só. Precisava de ajuda. Mas uma ajuda realmente efetiva e livre de restrições. Veio imediatamente na sua lembrança aquele jovem impetuoso que ele precisou ajudar a fugir para que sua vida fosse preservada, tanto em Damasco como em Jerusalém, há quase dez anos passados! Não tinha seu endereço, mas imaginou que poderia encontra-lo em sua terra natal, para onde tinha ido, anos antes. Em Tarso, Saulo provavelmente amadureceu, cresceu no conhecimento do evangelho, sofreu de várias formas (talvez 2Co 11.23ss e Fp 3.8 falem desse período) e aprendeu a esperar pelo tempo do Senhor. Barnabé foi feliz em sua procura (At 11.25,26a). Trazendo Saulo para Antioquia, o trás também de volta à narrativa de Lucas, de onde não se ausentará até o final do livro. Tem ali o início conhecido do ministério docente de Saulo, que durou um ano no qual muitos convertidos foram discipulados. O trecho em questão termina com o registro do apelido, inicialmente um tanto depreciativo, pelo qual os novos convertidos começaram a ser conhecidos e que depois tornou-se na nobre nomenclatura aplicada até os dias de hoje aos seguidores de Jesus Cristo: ‘cristãos’.